**Ya temí xoa: a Querida Amazônia como um caminho de resistência.**

**Artigo de Gabriel Vilardi**

Conhecer e defender a [querida Amazônia](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596853-por-uma-igreja-catolica-mais-crista-da-amazonia-para-o-mundo) é um dever de todo cristão e homem e mulher de boa vontade. Afinal, se não se trata de uma conversão do coração, no mínimo deve ser por um cálculo de sobrevivência", escreve [Gabriel Vilardi](https://ihu.unisinos.br/636424-padre-pedro-arrupe-sj-o-homem-que-nao-temia-a-mudanca), jesuíta, bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP - São Paulo/SP) e em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE - Belo Horizonte/MG). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Direito da UNISINOS.

**Eis o artigo.**

“Tirania na bateia, militando por quinhão/ e teu povo na plateia vendo a própria extinção/ **Yoasi** que se julga família de bem/ ouça agora a verdade que não lhe convém”, assim canta com maestria o samba-enredo da **Salgueiro**, no Carnaval de 2024. O sofrimento de um povo que se arrasta há anos, vítima de um [genocídio](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611871-apib-denuncia-bolsonaro-em-haia-por-genocidio-indigena) cruel oriundo do garimpo, tomou por alguns instantes a atenção da **Sapucaí** como um grito sufocado: “grita a **Amazônia** antes que desabe”. Infelizmente, os sucessivos [pedidos de socorro dos povos indígenas](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/575444-precisamos-escuta-los-papa-francisco-diz-que-povos-indigenas-nunca-estiveram-tao-ameacados) têm surtido um efeito limitado, mas nem por isso o [Papa Francisco](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596324-papa-francisco-reforca-compromisso-com-a-protecao-dos-povos-indigenas-na-amazonia) deixou de se juntar à [Igreja da Amazônia](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619331-o-papa-a-igreja-na-amazonia-testemunha-a-sinodalidade) também para clamar contra a destruição!

Nesse último dia 12 de fevereiro, mesma data do martírio de uma grande defensora da Criação, Ir. [Dorothy Stang](https://www.ihu.unisinos.br/636553) (2005), a Exortação Apostólica Pós-Sinodal [Querida Amazônia](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596272-cinco-destaques-de-querida-amazonia) completou quatro de sua publicação. Mesmo não encontrando condições de avançar em algumas propostas apresentadas pelo Sínodo, o papa não deixou de valorizá-las e, de forma inédita e corajosa, tornar oficiais as conclusões do **Documento Final** (QA, nº 3), “no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a **Cúria Romana** a problemática da **Amazônia**, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente”.



**Túmulo da missionária Dorothy Stang, em Anapu (PA)** (Foto: Tomaz Silva | Agência Brasil)

É verdade que, diante das altas expectativas geradas pelo amplo processo de escuta sinodal das comunidades amazônicas, algumas [frustrações foram grandes](https://www.ihu.unisinos.br/596257-querida-amazonia-tristeza-e-decepcao-com-um-leve-toque-de-esperanca%22%20%5Ct%20%22_blank). Em especial na enorme dificuldade de se progredir na concretização da [igualdade batismal entre homens e mulheres](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596312-a-abordagem-feminina-da-querida-amazonia-fora-de-lugar-e-fora-de-tempo), sendo que estas continuam estrutural e escandalosamente alijadas dos espaços decisórios da instituição, bem como na valorização dos *viri probati*, os **homens casados ordenados** para melhor servirem às comunidades desprovidas de presbíteros. A movimentação de bem articulados setores conservadores impediram que os passos desejados acontecessem.

Todavia, **Francisco** não se deixou amordaçar ou se pautar pelos “profetas das desgraças”, mas deu voz às denúncias que lhe chegaram a partir dos territórios. Com assertividade, nomeou os males infligidos pelo pecado social à **Casa Comum** e aos povos tradicionais da região:

“*Às operações econômicas, nacionais ou internacionais, que danificam a****Amazônia****e não respeitam o direito dos povos nativos ao território e sua demarcação, à****autodeterminação****e ao consentimento prévio, há que rotulá-las com o nome devido: injustiça e crime. Quando algumas empresas sedentas de lucro fácil se apropriam dos terrenos, chegando a privatizar a própria água potável, ou quando as autoridades deixam mão livre a madeireiros, a projetos minerários ou petrolíferos e outras atividades que devastam as florestas e contaminam o ambiente, transformam-se indevidamente as relações econômicas e tornam-se um instrumento que mata. É usual lançar mão de recursos desprovidos de qualquer ética, como penalizar os protestos e mesmo tirar a vida aos indígenas que se oponham aos projetos, provocar intencionalmente incêndios florestais, ou subornar políticos e os próprios nativos. A acompanhar tudo isto, temos graves violações dos direitos humanos e novas escravidões que atingem especialmente as mulheres, a praga do narcotráfico que procura submeter os indígenas, ou o tráfico de pessoas que se aproveita daqueles que foram expulsos de seu contexto cultural. Não podemos permitir que a globalização se transforme num 'novo tipo de****colonialismo****'”*.[1]

“Antes da sua bandeira, meu vermelho deu o tom/ somos parte de quem parte, feito [Bruno e Dom](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621391-assassinatos-de-bruno-e-dom-foram-uma-tragedia-anunciada)/ **Kopenawas** pela terra, nessa guerra sem um cesso/ não queremos sua ordem, nem o seu progresso” vem cantando há décadas, sem sucesso para ouvidos insensíveis, a grande liderança **Yanomami**[Davi Kopenawa](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/578108-o-grito-silencioso-de-davi-kopenawa-e-dos-yanomamis-nas-peles-de-papel). O xamã se fez presente no desfile carnavalesco desse ano, junto com outros membros do seu povo, para reiterar à exaustão que o garimpo não é sinal de progresso, mas de destruição e morte!

Sem deixar de assumir as reações de toda ordem por parte das elites locais, inclusive com o derramamento do sangue de muitos missionários como foi o caso da religiosa **Dorothy Stang**, **Francisco** aponta a avidez desmedida daqueles que buscam o lucro acima de tudo:

“*Esta história de sofrimento e desprezo não se cura facilmente. E a*[*colonização*](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/570189-povos-da-amazonia-padecem-de-tratamento-colonial-entrevista-especial-com-jane-beltrao)*não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente. Os bispos da****Amazônia****brasileira recordaram que 'a história da****Amazônia****revela que foi sempre uma minoria que lucrava à custa da pobreza da maioria e da depredação sem escrúpulos das riquezas naturais da região, dádiva divina para os povos que aqui vivem há milênios e os migrantes que chegaram ao longo dos séculos passados*'”.[2]

É inegável reconhecer a vanguarda da **Igreja amazônica** na recepção do [Concílio Vaticano II](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601114-a-conferencia-eclesial-amazonica-e-a-realizacao-do-que-o-concilio-vaticano-ii-propos-entrevista-com-dom-eugenio-coter), desde o [Encontro de Santarém](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619315-50-anos-de-santarem-igreja-com-vitalidade-e-posicionamento-profetico-e-solidario) em 1972, assumindo uma “Igreja pobre e para os pobres”. Ainda assim, o papa latino-americano sabe que existe um longo e doloroso passado de colonização e opressão, que infelizmente não exclui a corresponsabilidade da instituição e de seus membros.

Ao contrário, para que se evite a repetição inaceitável de uma postura anti-evangélica é imprescindível uma ampla análise crítica da história, bem como uma apurada capacidade de escuta das vítimas desse processo. “Napê, nossa luta é sobreviver/ napê, não vamos nos render” repete o samba-denúncia carioca dirigido a toda sociedade não-Yanomami (napê), com a mesma urgência do papa jesuíta alguns anos antes:

“*E, nos dias de hoje, a Igreja não pode estar menos comprometida, chamada como está a ouvir os*[*clamores dos povos amazônicos*](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/593531-o-clamor-dos-povos-indigenas-no-sinodo)*, 'para poder exercer com transparência o seu papel profético'. Entretanto como não podemos negar que o joio se misturou com o trigo, pois os missionários nem sempre estiveram do lado dos oprimidos, deploro-o e mais uma vez 'peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria****Igreja****, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América' e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da****Amazônia****. Aos membros dos povos nativos, agradeço e digo novamente que, 'com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência (…). Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum'*”.[3]

Entre outros pontos relevantes, a [Exortação Apostólica](https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2019/Eventos/Landing_Sinodo/exortacao-apostolica-pos-sinodal-querida-amazonia-pt.pdf) soube reconhecer, com uma clareza inédita para um documento do magistério, a imensa riqueza das culturas e espiritualidades indígenas. Instou ainda as Igrejas locais a superarem seus preconceitos e valorizarem a preciosidade dessa imensurável diversidade. Ademais, a **interculturalidade** e o **diálogo inter-religioso** são fundamentais na[vida missionária amazônica](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/625486-missao-vocacional-na-amazonia-adquirir-um-outro-olhar-sobre-a-igreja), sob pena de se continuar apostando em um cristianismo neocolonizador.

E os gritos da bateria da **Salgueiro** não deixam mentir: “você diz lembrar do povo [Yanomami](https://www.ihu.unisinos.br/636394-um-ano-apos-o-decreto-de-emergencia-povo-yanomami-continua-em-estado-critico-de-saude-e-a-persistencia-do-garimpo-em-seu-territorio)/ em 19 de abril/ mas nem sabe o meu nome e sorriu da minha fome/ quando o medo me partiu/ Você quer me ouvir cantar em **Yanomami**/ pra postar no seu perfil/ entre aspas e negrito, o meu choro, o meu grito/ nem a pau, Brasil”. Tristemente, como reflexo da sociedade brasileira, o racismo contra os povos originários é onipresente nas comunidades eclesiais e entre muitos membros da hierarquia, que teimam em permanecer com uma visão caricata dos indígenas. Para que se aprofunde o [rosto amazônico da Igreja](https://www.ihu.unisinos.br/608484-dom-david-martinez-de-aguirre-a-ceama-quer-assumir-a-missao-de-delinear-o-rosto-amazonico-da-igreja) é preciso beber no manancial da sabedoria ancestral dos povos guardiões da floresta e dos rios, como destemidamente aponta o papa argentino:

“*Para conseguir uma renovada*[*inculturação do Evangelho*](https://www.ihu.unisinos.br/591866-o-que-o-povo-warao-mais-pede-e-uma-inculturacao-do-evangelho-entrevista-com-dom-ernesto-romero-bispo-de-tucupita-venezuela)*na****Amazônia****, a Igreja precisa de escutar a sua sabedoria ancestral, voltar a dar voz aos idosos, reconhecer os valores presentes no estilo de vida das comunidades nativas, recuperar a tempo as preciosas narrações dos povos. Na****Amazônia****, já recebemos riquezas que provêm das culturas pré-colombianas, tais 'como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do cultual, a crença em uma vida para além da terrena e tantos outros valores'*”.[4]

Assim, conhecer e defender a querida **Amazônia** é um dever de todo cristão e homem e mulher de boa vontade. Afinal, se não se trata de uma conversão do coração, no mínimo deve ser por um cálculo de sobrevivência. Ademais, já foi repetido à exaustão que a destruição do bioma acarretará imensos prejuízos ambientais, econômicos e sociais para o resto do continente. E nessa missão inadiável é imperioso reconhecer os povos indígenas como valiosos aliados e interlocutores privilegiados, aprendendo deles a [bem-viver](https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao340.pdf) com a biodiversidade sem a aniquilar. “Pois”, arremata o bom samba, “a chance que nos resta é um Brasil cocar”! *Ya temí xoa* (eu ainda estou vivo), bradam os filhos de **Omama**!

**Notas**

 [1] PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. nº 14.

[2] PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. nº 16.

[3] PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. nº 19.

[4] PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. nº 70.

<https://www.ihu.unisinos.br/636559-ya-temi-xoa-a-querida-amazonia-como-um-caminho-de-resistencia-artigo-de-gabriel-vilardi>